



CIDADES MÉDIAS, HETERARQUIA URBANA E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL

Jefferson Santos Fernandes ¹

RESUMO

A leitura da complexidade da urbanização contemporânea vem exigindo, cada vez mais, um esforço de análise voltado para a compreensão da articulação e da fragmentação das cidades como parte de um mesmo processo. É neste contexto que por meio do presente trabalho nos propomos a pensar as chamadas cidades médias a partir de duas perspectivas analíticas que, juntas, podem nos auxiliar na compreensão da complexa trama das relações interescolares. A primeira, a heterarquia urbana, nos leva a uma leitura do movimento e do saltar de escalas na estrutura da rede urbana, rompendo com o paradigma rígido da hierarquia. A segunda, a fragmentação socioespacial, permite enxergar um processo em curso nas cidades médias, que é a ruptura (parcial ou absoluta) do espaço e da vida urbana, com a formação de espaços exclusivos para habitação, comércio e serviços. Consideramos que a perspectiva da heterarquia e da fragmentação socioespacial nos permite uma compreensão dialética dos novos conteúdos da urbanização. A consecução deste trabalho se deu a partir da revisão da literatura e construção de um ensaio teórico crítico-reflexivo. Nosso objetivo não é trazer conclusões de pesquisa, mas por questões para o debate e contribuir para o avanço analítico dos estudos urbanos e regionais.

Palavras-chave: Urbanização contemporânea, Cidades médias, Heterarquia urbana, Fragmentação socioespacial.

RESUMÉ

La lecture de la complexité de l'urbanisation contemporaine a de plus en plus demandé un effort d'analyse visant à comprendre l'articulation et la fragmentation des villes dans le cadre d'un même processus. C'est dans ce contexte que, à travers ce travail, nous proposons de penser les villes dites moyennes à partir de deux perspectives analytiques qui, ensemble, peuvent nous aider à comprendre le réseau complexe des relations interscolaires. La première, l'hétérarchie urbaine, nous conduit à une lecture du mouvement et du saut d'échelle dans la structure du réseau urbain, rompant avec le paradigme rigide de la hiérarchie. La seconde, la fragmentation socio-spatiale, permet de voir un processus en cours dans les villes moyennes, qui est la rupture (partielle ou absolue) de l'espace et de la vie urbaine, avec la formation d'espaces exclusifs d'habitat, de commerce et de services. Nous pensons que la perspective d'hétérarchie et de fragmentation socio-spatiale nous permet une compréhension dialectique des nouveaux contenus de l'urbanisation. La réalisation de ce travail s'est appuyée sur la revue de la

¹ Doutorando do Curso de Geografia da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Presidente Prudente - UNESP, jefferson.geo.fernandes@gmail.com



littérature et la construction d'un essai théorique critique-réflexif. Notre objectif n'est pas d'apporter des conclusions de recherche, mais de débattre d'enjeux et de contribuer à l'avancée analytique des études urbaines et régionales.

Mots-clés: Urbanisation contemporaine, Villes moyennes, Hétérarchie urbaine, Fragmentation socio-spatiale.

INTRODUÇÃO

A leitura da complexidade da urbanização contemporânea vem exigindo, cada vez mais, um esforço de análise voltado para a compreensão da articulação e da fragmentação das cidades como parte de um mesmo processo. Tal entendimento leva em conta a interescalaridade dos processos espaciais e, deste modo, duas tradições de pesquisa na Geografia precisam estabelecer um diálogo mais frequente, isto é, os estudos do espaço intraurbano e do espaço e interurbano.

Para contextualizar a nossa proposta analítica, consideramos importante retomar uma questão formulada por Sposito (2007, p. 237): “o que há [...] de novo para o estudo das cidades médias no tocante às relações entre a escala intraurbana e interurbana? A autora chama a atenção para os processos de reestruturação urbana (no âmbito da rede urbana) e reestruturação da cidade (na escala intraurbana) para entender as mudanças no espaço urbano em diferentes escalas. É neste contexto que por meio do presente trabalho nos propomos a pensar as chamadas cidades médias a partir de duas perspectivas analíticas que, juntas, podem nos auxiliar na compreensão na complexa trama das relações interescares.

A primeira, a heterarquia urbana, nos leva a uma leitura do movimento e do saltar de escalas na estrutura da rede urbana, rompendo com o paradigma rígido da hierarquia que tem a metrópole como centro de comando, pois as cidades médias constituem importantes nós da rede e articulam fluxos de toda ordem (mercadorias, pessoas, informações) com outros centros na escala regional, nacional e internacional.

A segunda, a fragmentação socioespacial, permite enxergar um processo em curso nas cidades médias, que é a ruptura (parcial ou absoluta) do espaço e da vida urbana, com a formação de espaços exclusivos para habitação, comércio e serviços. “Isolados” do seu entorno imediato, estes espaços exclusivos, no entanto, estabelecem interações com outros nós da rede nas diversas escalas, o que reforça a ideia de heterarquia.



Neste contexto, a questão que colocamos é: Como que, a partir das lógicas globais, se articulam e fragmentam as cidades e a vida urbana? Consideramos que a perspectiva da heterarquia e da fragmentação nos permite uma compreensão dialética desta realidade.

Nosso objetivo não é trazer conclusões de pesquisa², mas por questões para o debate sobre a urbanização contemporânea tomando como foco de análise as chamadas cidades médias. Esperamos, assim, contribuir para o avanço analítico dos estudos urbanos e regionais, apreendendo os papéis e as funções das cidades médias em múltiplas dimensões e escalas espaciais.

A HIERARQUIA E A HETERARQUIA NA REDE URBANA

Um ponto de partida para a sustentação da nossa proposta é entender que a rede urbana é “um produto social, historicamente contextualizado, cujo papel crucial é o de, através das interações sociais espacializadas, articular toda a sociedade numa dada porção do espaço, garantindo a sua existência e reprodução” (CORRÊA, 1997, p. 93). Neste sentido, ao longo do tempo, a rede urbana ganha novos conteúdos e significados. Se a rede urbana é um produto social, tal reconhecimento requer que pensemos sobre a produção do espaço urbano na contemporaneidade.

Carlos (1994, p. 194) destaca que a produção do espaço urbano deve ser entendida sob uma dupla perspectiva, pois “ao mesmo tempo que se processa um movimento que constitui o processo de mundialização da sociedade urbana (...), produz-se e acentua-se o processo de fragmentação tanto do espaço quanto do indivíduo. Nestes termos, “estaríamos hoje perante uma dialética do território (...), das geografias da desigualdade produzidas pelo sistema-mundo, as quais permitem ver o território como dimensão histórica do processo de globalização e fragmentação” (SANTOS, SOUZA e SILVEIRA, 1994, p. 11).

É neste contexto que propomos analisar a heterarquia urbana e a fragmentação socioespacial como processos que permitem enxergar os interstícios da rede urbana contemporânea. Vejamos, pois, alguns apontamentos sobre a organização das cidades

² Este trabalho constitui um ensaio teórico feito a partir de uma pesquisa de doutorado em andamento que tem por objetivo analisar e apreender os conteúdos da heterarquia urbana e da fragmentação socioespacial nas cidades médias de Juazeiro do Norte/CE e Ribeirão Preto/SP. A pesquisa conta com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.



em rede e como os conceitos de heterarquia urbana e fragmentação socioespacial podem nos auxiliar na construção de uma perspectiva analítica.

De maneira geral, a rede é definida como uma malha constituída de linhas e pontos, ou traços e nós, cuja “primeira propriedade é a conexidade – qualidade de conexo – que tem ou em que há conexão, ligação. Os nós das redes são assim lugares de conexões, lugares de poder e de referência” (DIAS, 2007, p. 148). Para Corrêa (1997, p. 05), uma rede geográfica corresponde ao “conjunto de localizações sobre a superfície terrestre articuladas por vias e fluxos”. Neste sentido, a rede urbana constitui um tipo particular de rede, sendo “um conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si” (CORRÊA, 2006, p. 08).

Na Geografia, a maioria das abordagens sobre as redes urbanas dizem respeito à diferenciação das cidades em termos de funções, dimensões básicas de variação, relação entre o tamanho demográfico e desenvolvimento, hierarquia urbana e relações entre cidade e região (CORRÊA, 2006).

A Teoria das Localidades Centrais, de Walter Christaller, é considerada a gênese de uma reflexão teórica aprofundada. Em 1933, o autor publica a obra *Die Zentralen Örtel in Süddeutschland* (Os Lugares Centrais no Sul da Alemanha), fundando uma teoria sobre a localização de bens e serviços, a quantidade de centros urbanos, suas dimensões e distribuição no espaço. As proposições do geógrafo alemão referem-se à análise dos núcleos urbanos diversos, entendidos como lugares centrais, nos quais se realizam funções centrais de distribuição de bens e serviços a uma população localizada em sua região de influência (hinterlândia).

Outro grande estudioso da questão urbana e regional no século XX foi o geógrafo francês Michel Rochefort. Em seu trabalho *L'Organisation Urbaine de l'Alsace* (A Organização Urbana da Alsácia), publicado em 1960, um clássico da Geografia Urbana e Regional francesa, o autor discute a cidade e sua relação com a região. Para Rochefort, as cidades são centros que comandam e dirigem as atividades produtivas. Analisando a região da Alsácia o autor busca entender a formação de uma rede de cidades e a hierarquia urbana com base nos fluxos econômicos. Assim, as cidades que desempenham o papel de coordenação e direção são denominadas de polos e, de acordo com a sua relevância e posição na rede, podem ser classificadas como polos regionais, nacionais ou internacionais.



As ideias de Christaller e de Rochefort inspiraram a realização de pesquisas de vários autores (Geógrafos ou não) e de instituições dedicadas ao planejamento urbano e regional, como é o caso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através dos estudos Regiões de Influência das Cidades (REGIC's), publicado em suas cinco versões (IBGE, 1972; 1987; 2000; 2008; 2020), que classifica as cidades brasileiras, a partir dos seus papéis e funções, nos níveis de metrópole, capital regional, centro sub-regional e centro local.

Nota-se, pois, o quão forte é o paradigma da hierarquia urbana nas análises da rede urbana. Consideramos, no entanto, que apesar de forte e ainda necessário para explicar a estruturação da rede, tal paradigma não é mais suficiente para entendermos a complexa trama das interações espaciais existentes na rede urbana.

Conforme Corrêa (1997), as interações podem romper horizontes espaciais pretéritos e se tornam multidirecionais, o que resulta em redes geográficas mais complexas e abrangentes. O próprio IBGE destaca que “o avanço da divisão técnica e territorial do trabalho e as transformações decorrentes das novas formas de comunicação ampliaram a organização em rede (...) cujos nós são constituídos pelas cidades.” (IBGE, 2008, p. 09).

Sobre o processo de reestruturação da rede urbana e a importância das cidades médias, Sposito (2007) destaca:

Além das relações hierárquicas e horizontais, que se estabeleciam nos períodos anteriores, desenham-se relações que vamos caracterizar como transversais. Elas podem assim ser chamadas porque extrapolam a própria rede em que se inserem, visto de muitas, para comandar exportações de produção agropecuária e industrial regional, passam a ter que se relacionar diretamente com cidades de outros países e de importância diferentes. As telecomunicações essas novas formas de interação espacial. Além disso e em função disso, a localização industrial das transnacionais pôde se liberar da tendência a se situarem nas grandes metrópoles e procurar menores custos de produção, no que se incluem suas escolhas territoriais pelas cidades médias.

Assim, as cidades médias tiveram seus papéis redefinidos na nova divisão interurbana do trabalho, ampliaram-se as escalas de atuação dos diferentes agentes econômicos e as relações entre o local e o global se tornaram mais complexas. A este respeito Santos e Silveira (2001, p. 281) consideram que:



Os sistemas de cidades constituem uma espécie de geometria variável, levando em conta a maneira como diferentes aglomerações participam do jogo entre o local e o global. É dessa forma que as cidades pequenas e médias acabam beneficiadas ou, ao contrário, são feridas ou mortas em virtude da resistência desigual dos seus produtos e das suas empresas face ao movimento da globalização

Estas ideias expressam o fato de que as interações espaciais não estabelecem apenas fluxos hierárquicos e verticais. Mas, afinal, o que é o “não-hierárquico” na rede urbana? É com base em Catelan (2012; 2013a; 2013b), que nos propomos a discutir os papéis e as funções das cidades médias de a partir da noção de heterarquia urbana³, isto é, como uma complementação à noção de hierarquia, pois, como destaca o próprio autor, é preciso entender a rede urbana considerando o par dialético hierárquico/heterárquico.

Ao analisar as cidades médias paulistas de Marília, Bauru e São José do Rio Preto como pontos de articulação de diversas escalas geográficas, Catelan (2012) constrói uma perspectiva teórica e de método, onde as cidades médias são tomadas por suas funções e papéis sem o compromisso de classificá-las em algum nível e/ou patamar da hierarquia urbana. É proposta, assim, uma leitura das interações espaciais de forma interescalar, e, para isso, considera importante a discussão sobre o espaço, o tempo e o movimento como categorias de análise para apreender a reprodução social. Segundo o autor:

A rede urbana é dinâmica e complexa e, por isso, sua estruturação hierárquica deve ser reconhecida, devido à existência de cidades com diferenças funcionais, mas deve-se reconhecer também que qualquer uma delas pode participar das interações espaciais interescares, dependendo dos interesses articulados entre agentes econômicos tanto do local e do regional quanto de escalas mais amplas, sobretudo a global (...) A essa condição das articulações que extrapolam os limites da estruturação hierárquica, preferimos denominar Heterarquia Urbana, para entendermos, não somente as cidades médias, mas as articulações na rede urbana em geral, tendo como proposta analítica o movimento complexo das interações espaço-temporais e da inter-relação das escalas geográficas (CATELAN, 2013a, p. 13)

³ “O prefixo “hetero” significa o que é diferente ou diverso. A palavra “heterarquia” não pode ser encontrada em dicionário e se fosse, por normas de utilização deste prefixo, o correto seria “Heteroarquia”, correspondente antônimo do significado de “Hierarquia”. Entretanto, não é o caso do conceito “heterarquia” tomado para demonstrar também o diferente e/ou diverso, mas não fazendo oposição à hierarquia encontrada na rede urbana” (CATELAN, 2012, p. 13).



Tal proposição concebe o movimento relacional do espaço como dimensão analítica chave para entender a complexidade da rede urbana contemporânea. Centrando sua abordagem sobre as chamadas cidades médias, o autor destaca que “as horizontalidades e as verticalidades encontram-se nestas cidades, fazendo com que suas funções e papéis sejam reconhecidos, tanto na consolidação de uma rede regional, como pela interação com as lógicas das escalas nacional e, principalmente, a global.” (CATELAN, 2012, p. 13).

No movimento contraditório do capitalismo em seu modelo globalizado, neoliberal e de acumulação flexível (HARVEY, 1996), há a necessidade constante de redução do tempo entre a produção e o consumo. Neste ciclo de acumulação do capital, a rede urbana, a rede de fluxos aéreos e as novas redes de comunicação digital permitem a ligação entre lugares distantes. Isto nos faz assistir, pois, ao saltar das escalas geográficas, no sentido dado a esta expressão pelo geógrafo Neil Smith (2002).

A perspectiva da heterarquia urbana nos permite uma leitura das articulações das cidades em múltiplas escalas, o que rompe com a estrutura do padrão rígido de uma rede urbana hierárquica com controle da grande metrópole, uma vez que, diante da unicidade técnica no sistema-mundo (SANTOS, 2012), não somente a metrópole, mas também as cidades médias e pequenas, são pontos (ou nós) importantes de articulação na rede urbana com fluxos de toda ordem (pessoas, mercadorias, informações). Neste sentido, as cidades médias precisam ser entendidas nas suas relações, sobreposições e articulações com outras cidades em múltiplas escalas (SPOSITO, 2007).

A heterarquia urbana é o primeiro ponto que queremos destacar como uma lógica presente na estruturação da rede urbana tendo como destaque o papel das cidades médias. Todavia, consideramos importante destacar uma outra lógica, cada vez mais acentuada nos espaços não metropolitanos, que é o da fragmentação socioespacial, pois tal como apontou Carlos (1994), o espaço urbano é, simultaneamente, integrado e fragmentado.

A LÓGICA SOCIOESPACIAL FRAGMENTÁRIA

A fragmentação socioespacial caracteriza-se como uma ruptura (parcial ou absoluta) entre partes da cidade, sob os planos sociais, econômicos e políticos



(GERVAIS-LAMBONY, 2001), existindo, pois, uma autonomização das partes que podem ser representadas como um mosaico de fragmentos não coordenados que se justapõem (SÉGUIN, 2011), onde indivíduos portadores de identidade comum se agrupam em espaço apropriados exclusivamente (NAVEZ-BOUCHANINE, 2002).

Sposito (2007) chama a atenção para o fato de que as novas lógicas de estruturação das cidades vêm promovendo a ampliação das desigualdades socioespaciais. Analisando essas lógicas nas cidades médias, a autora destaca que

Têm sido reforçadas dinâmicas de segregação herdada de períodos anteriores e se iniciado, em alguns casos, processos de estruturação que apontam para a fragmentação do tecido sociopolítico-espacial, nos termos defendidos por Souza (2000). Igualmente, nota-se a tendência para a fragmentação socioespacial, sem ainda atingir a tessitura política das relações sociais, como se nota nas metrópoles, ainda que se tornem mais complexas as estruturas de distribuição das atividades econômicas e de funções sociais da cidade, com destaque para as residenciais, gerando enclaves de uso exclusivo em cidades médias (Ibid, p. 244).

Transformações socioeconômicas recentes impactaram na reestruturação do espaço urbano, principalmente nas metrópoles e nas cidades médias. A fragmentação socioespacial é identificada como um processo resultante dessas mudanças, acumulando novos conteúdos ao processo de urbanização, especialmente o latino-americano, baseado no modelo segregador centro-periferia. Autores como Prévot-Schapira (2001), Sposito (2011) e Mendes (2011) aludem o processo de fragmentação da cidade à perda de sua unidade espacial, uma vez que as ações e a apropriação do espaço se dariam de forma parcelar.

Para Sposito (2018), a relativa democratização verificada no Brasil nos últimos anos ao massificar-se o acesso aos produtos para uma expressiva parcela da população acabou por influenciar, por parte das classes média e alta, a produção de espaços exclusivos para resolver as urgências da vida cotidiana, como agências bancárias especiais, condomínios exclusivos, shopping centers etc. Este é um fenômeno que tem forte rebatimento territorial nas cidades médias.

Cabe aqui frisarmos, tal como apontou Corrêa (2007, p. 07), que “o urbano pode ser concebido com base em duas escalas conceituais claramente delineadas e, simultaneamente, cartográficas, a saber, a escala da rede urbana e a escala do espaço



intraurbano”. Assim, as duas escalas são complementares entre si, e os objetos e ações que ocorrem em uma interferem na outra.

Neste trabalho, não pretendemos hierarquizar uma das escalas para apreender os conteúdos da fragmentação socioespacial, mas sim privilegiar as suas articulações. Logo, analisaremos a fragmentação socioespacial nos limiares das cidades médias (BATELLA, 2013), proposta segundo a qual tais cidades não devem ser vistas a partir da noção de limite, pois é preciso explorar os contextos de transição, avaliando as continuidades e descontinuidades dos processos e fatos urbanos. Isto implica pensarmos a fragmentação socioespacial em cidades médias e seus rebatimentos nas cidades situadas no entorno imediato, o que corresponde aos Arranjos Populacionais e Concentrações Urbanas. Portanto, assumimos a hipótese de que a vida urbana, de modo fragmentado, se estende na escala regional, pois os limites do perímetro urbano das cidades médias não impedem o constante processo de articulação e fragmentação.

Pesquisas como a de Sposito e Góes (2013) evidenciaram a fragmentação socioespacial nas cidades médias paulistas de Marília, Presidente Prudente e São Carlos a partir de áreas residenciais de acesso restrito e controladas por sistema de segurança. Tal investigação deu ênfase a fragmentação socioespacial na dimensão do intraurbano destas cidades. Pretendemos aqui ir um pouco além, pois consideramos que a vida urbana fragmentada se estende, também, para o entorno imediato das cidades médias. Para tanto, tomaremos como plano de análise a dinâmica do setor de comércio e serviços e seus espaços exclusivos (shopping centers, clubes recreativos etc).

Para as autoras supracitadas, no período da globalização, a homogeneização de espaços e pessoas se combina com os esforços de diferenciação para os agentes que constroem barreiras materiais e adotam estratégias de separação e controle em relação aos outros. Nestes termos, a unidade espacial estaria dando lugar a uma lógica fragmentária que separa os indivíduos e o espaço, com contiguidade sem continuidade na cidade. Assim, o capitalismo, por consequência de crises inerentes ao sistema, cria novas formas de produção e reprodução do espaço para a constante acumulação do capital, desencadeando subjetividades que se contrapõem a noção de direito à cidade proposta por Lefebvre (1991), isto é, ao direito à vida urbana em sua totalidade, resultado de uma nova sociedade pautada em outros valores que não aqueles que comandam a sociedade burocrática de consumo dirigido.



Lacerda (2012, p. 22), por sua vez, propõe pensarmos a fragmentação e a integração no espaço como parte de um mesmo processo:

Entende-se por fragmentação espacial a divisão da cidade em partes (fragmentos), que podem ser individualizadas, a partir da identificação dos diversos padrões de uso e ocupação do solo, bem como dos níveis de provimento das infraestruturas, mais particularmente das redes de mobilidade de matéria (pessoas e bens) e informação. Esses níveis, por sua vez, definem o grau de integração de cada uma das partes com as demais e, até mesmo, com as de outras cidades do país e do exterior.

A referida autora, que se dedicou a analisar a dinâmica dos espaços metropolitanos, considera que a noção de estrutura urbana reforça a ideia da impossibilidade de entender separadamente fragmentação e integração. Pretendemos elevar tal entendimento para a escala da rede urbana e, nesta perspectiva, consideramos que a fragmentação socioespacial, que é um processo e não um fato (SPOSITO e GÓES, 2013), amplia a complexidade dos nós e das interações espaciais na rede, ressignificando as continuidades e as descontinuidades no espaço geográfico, este sistema solidário e contraditório de objetos e de ações (SANTOS, 1996).

Elencamos como hipótese do nosso trabalho que os espaços exclusivos produzido nas cidades médias e a atuação dos agentes econômicos (daremos ênfase aos espaços de comércio e serviços), “isolados” do seu entorno imediato, saltam escalas e estabelecem interações com outros pontos da rede urbana na escala regional, nacional ou internacional. Isto, por sua vez, reforça a necessidade de abordagem da heterarquia urbana para entendermos os papéis e as funções das cidades médias na rede urbana em múltiplas escalas e dimensões espaciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de avançar analiticamente na busca da compreensão dos complexos fluxos existentes na rede urbana é o que justifica a presente pesquisa. Levantamos a tese de que a complexidade da rede urbana contemporânea se manifesta através das articulações em múltiplas escalas, com fluxos de toda ordem, onde as interações entre as cidades não obedece, necessariamente, ao paradigma da



hierarquização. A este fenômeno chamamos de heterarquia urbana (CATELAN, 2012; 2013a; 2013b).

No entanto, existe na rede, ao mesmo tempo, uma outra lógica que fragmenta o espaço e as interações entre os sujeitos, a qual definimos aqui como fragmentação socioespacial (PRÉVOT-SCHAPIRA, 2001; MENDES, 2011; SPOSITO e GOES, 2013). Ambas as lógicas fazem parte do processo de expansão e reprodução do capital e da atuação dos diferentes agentes sociais.

Consideramos que a atuação dos agentes econômicos e os espaços exclusivos produzido nas cidades médias, como shopping centers, clubes recreativos e agências bancárias especiais, “isolados” do seu entorno imediato, saltam escalas e estabelecem interações com outros pontos da rede urbana na escala regional, nacional ou internacional. Isto, por sua vez, reforça a necessidade de abordagem da heterarquia urbana para entendermos os papéis e as funções das cidades médias na rede urbana em múltiplas escalas e dimensões espaciais.

Reconhecemos que os apontamentos realizados ao longo deste texto demandam pesquisas empíricas que melhor evidenciem a relação entre a heterarquia urbana e a fragmentação socioespacial. Nossos esforços concentram-se, portanto, na tentativa de compreender a cidade como um objeto multiescalar e multiespectral (DOMINGUES, 1999), analisando como o capital e os agentes econômicos articulam e fragmentam simultaneamente o espaço urbano. Para tanto, a conexão entre dois conceitos, heterarquia urbana e fragmentação socioespacial, é fundamental para o aprofundamento das discussões sobre os caminhos da urbanização brasileira, em especial no âmbito das chamadas cidades médias.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A natureza do espaço fragmentado. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, Maria Laura. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 191-197.

CATELAN, Márcio José. **Heterarquia Urbana: interações espaciais interescares e cidades médias**. 2012. 227 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.

CATELAN, Márcio José. Heterarquia Urbana e interações espaciais interescares: proposta analítica para estudos na rede urbana. In: **XIII Simpósio Nacional de**



Geografia Urbana, 2013, Rio de Janeiro. Ciência e Ação Política: por uma abordagem crítica, 2013a. v. 13.

CATELAN, Márcio José. **Heterarquia Urbana**: Interações espaciais interescolares e cidades médias. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2013b. v. 1. p. 291

CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

DOMINGUES, Álvaro. Formas e escalas da urbanização difusa: interpretação e intervenção em Portugal. **Inforgeo**. Lisboa, Edições Colibri, 1999, p. 43-64.

GERVAIS-LAMBONY, Philippe. La ségrégation dans la grande ville, un essai de définition. In: GERVAIS-LAMBONY, Marie-Anne (Éd.). **Les très grandes villes dans le monde**. Paris: Atlande, 2001

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Regiões de Influência de Cidades - 2018. Rio de Janeiro. IBGE, 2020.

LACERDA, Norma. Fragmentação e integração: movimentos de reestruturação espacial das metrópoles brasileiras. In: RIBEIRO, Ana Clara Torres; LIMONAD, Ester; GUSMÃO, Paulo Pereira de. (Org.). **Desafios ao planejamento**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012. p. 21-42.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

MENDES, Luís. Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 473-495, 2011.

NAVEZ-BOUCHANINE, Françoise. **La fragmentation en question**: des villes entre fragmentation spatiale et fragmentation sociale. Paris: L'Harmattan, 2002, p. 19-103.

PRÉVÔT-SCHAPIRA, Marie-France. Fragmentación espacial y social: conceptos e realidades. **Perfiles Latinoamericanos**, n.19, p. 33-56, dez. 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: espaço e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **Brasil**: território e sociedade no início do século 21. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, Maria Laura. Prefácio. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, Maria Laura. **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 11-13.

SÉGUIN, Anne-Marie. Les quartiers: des lieux de fragmentation? **Cahiers de géographie du Québec**, v. 55, n. 154, p. 69-73, 2011.

SMITH, Neil. Geografia, diferencia y políticas de escalas. **Terra Livre**, São Paulo, v. 18 n. 19, p.127-146, dez. 2002.



SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidades médias: reestruturação da cidade e reestruturação urbana”. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, p. 233-253.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (org.). **Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos**. Projeto de pesquisa. Presidente Prudente, 2018.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.